

A SONORIDADE DO TH NA LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO DE CASO

Magali Rosa de Sant’Anna

I. Considerações preliminares

O professor deve ser bastante observador para perceber as necessidades e dificuldades dos seus alunos durante o processo de aprendizagem de uma língua, quer ela seja estrangeira ou não. No caso de aquisição de uma segunda língua, desde o início, o estudante é exposto a diferenças e similaridades em relação à sua própria língua em diferentes níveis –morfológico, sintático, semântico, fonológico e cultural– que, a partir de associações, vão sendo introduzidos pouco a pouco.

Segundo vários pesquisadores que estudaram fonemas, como GIMSON (1962), O’CONNOR (1967) e MASCHERPE (1970), há alguns sons que podem ser transferidos a partir do sistema fonológico da língua materna por se aproximarem ao máximo do som em questão.

Se existe essa probabilidade, gostaríamos de saber se esse processo de transferência ocorreria com os falantes adultos da língua portuguesa que estudam a língua inglesa no ensino superior. Quais fonemas eles utilizariam, quais ligações e associações com a língua materna ou com a língua estrangeira iriam efetuar, na tentativa de produzir um fonema que não pertence ao sistema fonológico da língua materna?

Acreditamos que, em um primeiro momento, seria importante tratar da aquisição e da aprendizagem fonológica de uma língua estrangeira e, também, dos traços articulatórios dos fonemas em questão; para, em seguida, descrever o método utilizado e, após esse, tecer uma discussão a respeito dos dados obtidos e analisados.

II. Embasamento teórico

Para o desenvolvimento desse estudo – das realizações **th** da língua inglesa por estudantes do ensino superior, é de vital importância discutir, antes, algumas idéias sobre o processo de aquisição e de aprendizagem fonológica de uma língua estrangeira para, logo em seguida, apresentar uma descrição dos fonemas em questão, o que facilitaria a compreensão do experimento realizado.

a) Aquisição / aprendizagem fonológica de uma língua estrangeira

Inicialmente, torna-se necessário distinguir *aquisição* de *aprendizagem*, visto que são fenômenos diferentes que podem ou não ocorrer simultaneamente.

- Aquisição: é um processo que ocorre no subconsciente humano, pois não se pode impedir a exposição aos sons e barulhos, que são identificados como mensagem de uma determinada língua.
- Aprendizagem: é um processo que exige a consciência, o saber das regras de uma determinada língua e o falar sobre elas.

Resumindo, a aquisição significa saber *usar* a língua e a aprendizagem indica saber *a respeito* da língua. Estudos de caso feitos por KRASHEM (1982, Apud BOHN, H. I. & VANDRESEN, P. (org.), 1988, p. 52) indicam que “esses dois fenômenos se processam distintamente, cada um com sua função específica”. Entretanto, estudos realizados com o Inglês como língua materna e o contato com uma língua estrangeira revelam que, na aquisição da segunda língua, a ordem das regras adquiridas é diferente das da língua materna. Podemos citar um exemplo que ilustra esse aspecto: os morfemas ingleses *-s* do plural regular e o *-ing* das formas progressivas são assimilados antes de outros no processo de aprendizagem do Inglês como língua estrangeira, apondo-se, assim, à ordem de assimilação dos mesmos como traços de língua materna.

É certo que o processo de aquisição de uma segunda língua requer não somente a aprendizagem da gramática, do léxico, da morfologia, da cultura, mas, também, da pronúncia correta das palavras para que o aprendiz possa ser compreendido. Desta forma, trataremos, sempre que possível, da aquisição e da aprendizagem fonológica de uma língua estrangeira, já que esse aspecto é de fundamental pertinência para esse trabalho.

De maneira geral, os pesquisadores afirmam que o processo de aquisição de uma língua estrangeira é complexo e que se deve acreditar que a língua materna é uma fonte imprescindível para a língua-alvo, pois o processo de aquisição do conhecimento da segunda língua precisa ser internalizado. Se tomarmos por base o adulto e a criança, o adulto possui maturação cognitiva e domínio da língua materna e utiliza-se de estratégias diferentes das usadas pela criança na aprendizagem da primeira língua; por exemplo, o adulto pode apoiar-se no uso da gramática para aprender a segunda língua, enquanto que a criança faz generalizações por inferência.

GASS (1989) refere-se ao assunto salientando o ponto de vista de Gregg dizendo: “Gregg provides some detail of what is a theory of SLA¹ should account for in particular; he wishes to narrow (...) the acquisition of grammar”, que não nos parece adequado, pois a aprendizagem de uma segunda língua não se limita apenas à Fonologia ou à Gramática. O que ocorre é uma forte evidência de que os adultos, ao aprenderem uma língua estrangeira, acessam as mesmas propriedades inatas, como fazem as crianças ao aprenderem a língua materna. Os métodos de ensino, porém, devem ser outros, pois um adulto não se submeteria a entrar numa sala de aula para ser tratado como um bebê e, ainda, ter de usar a linguagem da criança – a chamada *baby-talk*, com as palavras no diminutivo, vocabulário restrito, etc.– para se comunicar. Devemos ressaltar também que, enquanto o estudante se torna adulto, a capacidade de aquisição de uma nova língua é cada vez mais problemática e difícil.

Sabemos que há transferência da língua materna por adultos no contato com uma segunda língua. Fonologicamente, isso acontece de modo significativo e se torna evidente: qualquer falante nativo reconhece um não-nativo pela sua pronúncia não natural e algumas vezes até esquisita ou “errônea”. Essa discriminação ocorre porque os adultos produzem os fonemas da língua estrangeira como se esses fossem de sua própria língua, o que caracteriza uma pronúncia estranha. Com o tempo, eles aprendem vagarosamente a articular os fonemas da nova língua, modificando certos hábitos articulatórios, a fim de produzir os fonemas da segunda língua de acordo com as normas fonéticas da língua alvo. Contudo, não se pode afirmar que todos os aspectos da Fonologia da língua nativa sejam transferidos para a língua estrangeira, sendo que nem todos os sons da primeira língua alinham-se com os da segunda. Então, parece-nos razoável concordar com FLEGE (1980) no que diz respeito à pronúncia de um adulto, com relação à importância da língua estrangeira em determinar as diferenças fonológicas da língua materna e da língua-alvo.

Se compararmos o desenvolvimento da pronúncia com as outras habilidades lingüísticas, tais como o lexical, o sintático e o semântico, podemos dizer que, embora seja o mais fácil de adquirir, pois se trata de saber ouvir para saber repetir, é o processo de desenvolvimento mais lento. Isso se deve, principalmente, à necessidade de reorganização cognitiva dos aspectos abstratos da competência lingüística. Entretanto, vimos que a aprendizagem do sistema fonológico de uma língua estrangeira oferece menos dificuldades para o aprendiz do que a aprendizagem do sistema complexo da sintaxe. As dificuldades

¹ Nota: **SLA** é a sigla para *Second Language Acquisition*.

fonológicas concentram-se em apenas alguns fonemas da língua estrangeira, uma vez que uma grande parte desses é encontrada nos dois sistemas, podendo, contudo, oferecer realizações diferentes e, por isso, tais realizações devem ser estudadas por meio do contraste entre as duas línguas.

Sabe-se que na aprendizagem de uma língua estrangeira existem outros fatores importantes como o gosto pelo idioma, o contato com o mesmo e a motivação. Apesar de termos consciência da influência de tais fatores e da possível existência de outros, neste trabalho, limitaremos a análise ao aspecto fonológico envolvido na questão da aprendizagem.

b) Traços articulatórios dos fonemas /θ/ e /ð/ ingleses

Os fonemas /θ/ e /ð/ são chamados de consoantes fricativas por produzirem uma fricção como o traço mais significativo. O ar sai do pulmão por uma abertura estreita da boca resultando em dois tipos de fricção. No caso desses fonemas, ambos possuem a mesma zona de articulação. Para produzir os fonemas em questão, a ponta da língua deve ficar entre os dentes superiores ou inferiores (ou apenas tocar atrás dos dentes superiores e inferiores), produzindo a fricção que obstrui a passagem do ar²; então, devido a esse fato, /θ/ e /ð/ são chamados de consoantes *fricativas linguodentais*. O esforço é tal que a cavidade nasal se fecha e o palato mole sobe para que o ar escape pelas frestas entre os dentes e a ponta da língua.

Embora ambos os fonemas possuam o mesmo modo e zona de articulação, eles se diferem quanto ao papel das cordas vocais. O /θ/ resulta da abertura das cordas, enquanto /ð/ é resultado do fechamento das mesmas.

Na escrita, os dois fonemas são representados por **th**, podendo ocorrer em posição inicial, medial e final da palavra. Para melhor visualização das características dos fonemas envolvidos, apresentaremos o quadro abaixo:

Fonema	Modo de articulação	Zona de articulação	Papel das cordas vocais	Ortoepia	Posição
/θ/	fricativa	linguodental	surda	<i>thief</i> <i>both</i>	Inicial: <i>thank</i> Medial: <i>author</i> Final: <i>truth</i>
/ð/	fricativa	linguodental	sonora	<i>these</i> <i>smooth</i>	Inicial: <i>that</i> Medial: <i>other</i> Final: <i>with</i>

² Para o aprendizado da Língua Inglesa como Língua Estrangeira, os professores costumam ensinar que a ponta da língua deve ser colocada entre os dentes de modo que os estudantes consigam perceber e produzir esses fonemas, como sugerem ROACH (1982, p. 39) e KENWORTHY(1987, p. 75).

A fricativa surda necessita de mais força para sua produção e seu ruído é mais alto, enquanto que a fricativa sonora tem pouco ou quase nenhum ruído em posição inicial ou final, porém, é mais audível quando ocorre entre sons sonoros, como nos exemplos que se seguem: /'mʌ↔/ *mother* e /'weðə/ *weather*. Podemos, ainda, contrastar os fonemas /θ/ e /ð/ com os demais fonemas consonantais ingleses e obteremos os pares mínimos elencados nos quadros abaixo.

Pares mínimos com /θ/ ³ :		Pares mínimos com /ð/:		
/θ/	Outros fonemas	/ð/	Outros fonemas	
1. <i>thick</i> /θɪk/	<i>pick</i> /pɪk/	1. <i>bathe</i> /beɪð/	<i>beige</i> /beɪʒ/	
	<i>tick</i> /tɪk/		2. <i>they</i> /ðeɪ/	<i>yea</i> /jeɪ/
	<i>chick</i> /tʃɪk/			<i>say</i> /seɪ/
	<i>kick</i> /kɪk/			<i>bay</i> /beɪ/
	<i>Nick</i> /nɪk/			<i>day</i> /deɪ/
2. <i>thin</i> /θɪn/	<i>sin</i> /sɪn/			<i>gay</i> /geɪ/
	<i>gin</i> /dʒɪn/	3. <i>thee</i> /ði:/	<i>Z</i> /zi:/	
	<i>fin</i> /fɪn/		<i>she</i> /ʃi:/	
	<i>win</i> /wɪn/		<i>lee</i> /li:/	
3. <i>thigh</i> /θaɪ/	<i>shy</i> /ʃaɪ/		<i>key</i> /ki:/	
	<i>vie</i> /vaɪ/		<i>we</i> /wi:/	
	<i>thy</i> /ðaɪ/	<i>tea</i> /ti:/		
	<i>lie</i> /laɪ/	<i>G</i> /dʒi:/		
	<i>my</i> /maɪ/	4. <i>with</i> /wɪð/	<i>wing</i> /wɪŋ/	
	<i>high</i> /haɪ/		<i>which</i> /wɪtʃ/	
	<i>buy</i> /baɪ/	5. <i>that</i> /ðæt/	<i>rat</i> /ræt/	
	<i>die</i> /daɪ/		<i>pat</i> /pæt/	
<i>rye</i> /raɪ/	<i>fat</i> /fæt/			
4. <i>think</i> /θɪŋk/	<i>zinc</i> /zɪŋk/		<i>nat</i> /næt/	
	5. <i>thank</i> /θæŋk/	<i>yank</i> /jæŋk/	<i>hat</i> /hæt/	
6. <i>pith</i> /pɪθ/		<i>pig</i> /pɪʒ/	6. <i>teethe</i> /ti:ð/	<i>teeth</i> /ti:θ/
	<i>ping</i> /pɪŋ/	7. <i>than</i> /ðæn/	<i>van</i> /væn/	
			<i>man</i> /mæn/	

Devemos ressaltar, porém, que tanto o fonema /θ/ quanto o fonema /ð/ do inglês não possuem correspondentes no português. Por isso, GIMSON (1962) afirma que estudantes de língua inglesa como língua estrangeira tendem a produzir o som /θ/ com sons correspondentes aos da sua língua materna. O que, em nosso caso, podem ser os fonemas /t/ e /s/; bem como esses estudantes podem produzir o som /ð/ como /d/ ou /z/. O'Connor (1967) acrescenta, ainda, que os estudantes podem se utilizar os fonemas /f/ e /v/ para tentar produzir

³ Nota: Nenhum par mínimo com /∞/ foi encontrado.

/θ/ e /ð/, respectivamente. A esse respeito, MARCHERPE (1970) aponta para o fato de que existem interferências da língua materna na produção dos fonemas que não passam de erros fonológicos, pois os fonemas ingleses /θ/ e /ð/ podem ser substituídos por fonemas que, do ponto de vista do aprendiz, parecem mais próximos, dentro da estrutura geral da língua portuguesa.

Vennemann (1971) também afirma que /θ/ e /ð/ são dois sons que menos aparecem nas línguas do mundo e acrescenta que, em suas observações e de outros estudiosos, a substituição mais comum é /f/ por /θ/ e /d/ por /ð/, diferentemente de Jakobson, que havia afirmado que, na linguagem das crianças, os fonemas /θ/ e /ð/ são trocados por /s/ e /z/, respectivamente. Na verdade, só com o tempo é que crianças adquirem esse processo de realizar a oposição entre os fonemas em questão, ou seja, com o desenvolvimento da articulação. Ora, se é difícil para uma criança aprender a produzir tais sons fazendo parte de sua língua materna, como seria então representada essa dificuldade de adultos que aprendem uma língua estrangeira ao se depararem com a existência de sons desse tipo?

Podemos afirmar, talvez, que os processos de aquisição e de aprendizagem não seguem caminhos diferentes. Na aquisição, a dificuldade de produção envolve a regra e a maturação do sistema nervoso central que possibilita melhorar a coordenação na produção dos sons. Quanto à aprendizagem, o adulto já tem a maturação e todo o processo estabilizado, e isso dificulta a internalização de novos movimentos.

II. Método

a) Os Sujeitos

Foram observados para esse estudo, oito alunos do terceiro semestre do curso de Letras – Português/Inglês, do Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE. Os alunos foram distribuídos aleatoriamente em dois grupos. O Grupo I, assim denominado para melhor desenvolvimento deste trabalho, foi composto por quatro sujeitos, dois do sexo masculino e dois do feminino. O Grupo II foi composto da mesma forma – quatro sujeitos, dois de cada sexo.

A idade dos sujeitos variava entre vinte e um e quarenta e três anos. As alunas são nascidas na cidade de São Paulo, exceto uma que nasceu na cidade de Rui Barbosa – Bahia. Um aluno nasceu na cidade de Campos – RJ; dois, no estado de São Paulo; e o último sujeito é estrangeiro, nascido na Espanha. Todos residem nas regiões norte e leste da capital de São Paulo.

No que se refere ao contato que tem com outras línguas, verificou-se que o aluno de nacionalidade espanhola, além de sua língua materna, tem contato com o português (é residente na cidade de São Paulo) e o inglês; uma das alunas também tem contato com as três línguas, porém o espanhol como língua estrangeira⁴. No que se refere aos demais alunos, quatro deles nunca haviam estudado inglês em nenhuma escola especializada para ensino de línguas; dos resultantes, um já cursou inglês em escola especializada para o ensino de línguas e os outros três estão cursando a língua inglesa juntamente com o curso oferecido pela faculdade.

b) Material

O material utilizado é constituído, basicamente, de duas apostilas, essas elaboradas a partir de livros didáticos da Fonologia Inglesa, especialmente para alunos estrangeiros. Todos os livros são da mesma autora, Ann Baker.

Ambas as apostilas possuem uma série de palavras (pares mínimos com figuras) com os fonemas a serem observados em posição inicial, medial e final de palavras. Foi também utilizado um diálogo, em que são encontradas várias palavras com esses fonemas.

c) Procedimento

O experimento foi aplicado a cada grupo separadamente, um após o outro. Como primeira fase, os sujeitos de um dos grupos ouviram a pronúncia correta e repetiram cada palavra e frase por duas vezes consecutivas, antes da gravação individual. Como segunda fase, ficou a cargo dos outros quatro sujeitos a gravação individual da segunda apostila, que nem sequer fora lida pela professora diante dos alunos.

Ressalta-se, aqui, que as gravações se deram logo após a apresentação dos fonemas e das repetições feitas por cada grupo. Os dados foram coletados por meio de gravador portátil, numa única fita cassete, para posterior transcrição e análise.

Em outro dia, aplicou-se um questionário, com a finalidade de identificar dados precisos sobre a descrição dos sujeitos. Em seguida, comentaram-se os “erros” e as dificuldades encontradas pelos sujeitos em relação à pronúncia dos fonemas. Houve, ainda, um fechamento dessa atividade com uma avaliação, a fim de que os sujeitos verificassem suas dificuldades, para que, mais tarde, pudessem aprimorar sua pronúncia.

⁴ Esses dois alunos mencionaram o uso das três línguas.

d) Transcrição

Todas as ocorrências orais de cada sujeito foram, primeiramente, registradas pela professora em quatro tabelas: duas consistiam apenas de palavras isoladas, uma para o /θ/ - *th* surdo e outra para o /ð/ - *th* sonoro; as outras duas consistiam de palavras contextualizadas, também, uma para cada fonema.

Devido ao fato de estarmos interessados apenas na análise daqueles dois fonemas, as transcrições ativeram-se apenas aos fonemas em si, não levando em consideração nenhuma outra produção que, porventura, tenha sido feita de maneira incorreta.

Assim, para que a contagem de “erros” e acertos orais de cada sujeito fosse realmente apontada, valemo-nos de dois juízes: uma professora de língua árabe, da USP, nascida no Líbano, com um excelente conhecimento da língua inglesa e, principalmente, desses dois fonemas, uma vez que a língua árabe acusa ambos. A outra, professora particular de língua inglesa, formada pela PUC/SP, com interesse especial pela Fonologia Inglesa⁵. Ambas foram instruídas de que maneira deveriam ser registrados os dados dentro de tabelas idênticas às descritas acima. As duas professoras estavam a par do objetivo que esse estudo pretendia e de que modo o experimento fora aplicado.

É importante esclarecer que as transcrições referidas foram baseadas em impressões subjetivas das produções orais e, posteriormente, discutidas, reavaliadas, até chegarmos a um acordo sobre o fonema ouvido. Este procedimento serviu para validar a pronúncia dos sujeitos que foram registradas nas tabelas.

e) Análise dos dados

Optamos por fazer dois tipos de análise de dados. Uma, a qual chamamos de *intra-sujeitos*, na qual é apresentada a preferência individual de cada sujeito pela pronúncia do *th* surdo e sonoro; e, outra análise, com a preocupação de apresentar a preferência dos oito sujeitos por cada um dos fonemas.

f) Análise intra-sujeito

Como dissemos, cada sujeito demonstrou uma preferência por um determinado fonema na produção oral. É claro que houve ocorrências diferentes, mas sempre um som

⁵ Gostaríamos de deixar, aqui, registrada a nossa gratidão às professoras Safa Alferd A. Chala Jubran e Roseline Midorikawa Moreno pela disposição na verificação das transcrições orais dos dois fonemas envolvidos, feitos pelos alunos.

predominante se registrava. Vale ressaltar que, metodologicamente, será apresentada, primeiramente, a preferência em palavras e depois em sentenças.

g) Análise entre sujeitos

Tomando como base a preferência individual de cada sujeito, pudemos fazer algumas comparações. A tabela seguinte apresenta claramente as preferências de cada sujeito. Por meio desta, podemos notar que para o **th** surdo, a opção dos sujeitos foi pelo fonema /θ/ correspondente a esse som.

Quando a comparação das preferências é feita com os pares mínimos, somente o sujeito **E** opta por outro fonema, o /t/; os demais sujeitos produzem, de maneira geral, o fonema /θ/ corretamente.

Quanto às palavras soltas, os sujeitos **C** e **E** optam pelo fonema /t/ e o sujeito **H** por /s/. Apontamos para o fato de que o sujeito **E** mantém a mesma opção tanto para os pares mínimos quanto para as palavras soltas. Os outros sujeitos mantêm o fonema /θ/ como opção geral.

Preferência do th surdo	Palavras com /θ/		
	Sujeitos	Pares mínimos	Palavras soltas
A		θ	θ
B		θ	θ
C		θ	t
D		θ	θ
E		t	t
F		θ	θ
G		θ	θ
H		θ	s

Tabela 1 – Comparadas às preferências dos sujeitos para o **th** surdo

Com relação ao **th** sonoro, a tabela revela dados bem diferentes, apresentando outra preferência sem ser o fonema /ð/. Nos pares mínimos, todos os sujeitos produziram preferencialmente o fonema /d/, como podemos verificar na tabela:

Preferência do th sonoro	Palavras com /ð/		
	Sujeitos	Pares mínimos	Palavras soltas
A		d	ð
B		d	d
C		d	d
D		d	d
E		d	d
F		d	d
G		d	d
H		d	d

Tabela 2 – Comparadas às preferências dos sujeitos para o **th** sonoro

h) Comparação entre sujeitos em palavras contextualizadas

Lembramos que, na escolha dos diálogos utilizados para a elaboração das apostilas, preocupamos-nos com as posições inicial, medial e final dos fonemas em questão:

Sujeitos	Sentenças com /θ/	Sentenças com /ð/
A	θ	d
B	θ	d
C	t	d
D	t	d
E	t	d
F	θ	d
G	θ	d
H	t	d

Tabela 3 – Comparação das preferências entre os sujeitos em palavras contextualizadas

Para o fonema /θ/ em sentenças, quatro sujeitos (A, B, F e G) optaram, corretamente, pelo *th* surdo, porém os outros quatro (C, D, E e H) produziram o fonema /t/. Já, para o fonema /ð/, todos os sujeitos preferiram o fonema /d/.

III. Discussão dos resultados

Pudemos observar que os sujeitos que participaram desse experimento fizeram troca de fonemas que não corresponderam às nossas expectativas. Esperávamos que o *th* surdo da língua inglesa fosse substituído por sons comuns ao sistema fonológico da língua portuguesa, e, assim, pensávamos que esse fonema fosse produzido como /t/, /s/ ou /f/ apenas. Nesse experimento, encontramos a realização de outros fonemas, tais como: /tΣ/ e /d/ ou, ainda, nenhuma produção audível.

Quanto ao *th* sonoro, esperávamos que esse fosse substituído pelos fonemas /d/, /z/ e /v/; porém, encontramos o /t/, /θ/ e /f/ ou nenhum fonema. Devemos, portanto, apontar ao fato de que nenhum fonema /v/ ocorreu, embora isso fosse esperado.

Todas essas afirmações, quanto aos fonemas que eram esperados, foram amplamente discutidos e comprovados por vários estudiosos como GIMSON (1962); O’CONNOR (1967) e MASCHERPE (1970). O que constatamos é que nossos sujeitos, por algum motivo, talvez até por falta de conhecimento da prática oral da língua inglesa, não se basearam apenas nas produções ora observadas por tais pesquisadores.

Tomemos, primeiramente, o uso do fonema /t/. Esse fonema ocorreu substituindo ambos os fonemas em questão. Parece-nos que os sujeitos transferiram a leitura para a pronúncia de algumas palavras inglesas. Pois, em português, sabemos que a letra *h* não

possui nenhum valor fonético – como na palavra ‘homem’–, exceto quando acompanha na grafia as letras *n* ou *l*, daí levando à produção de outros dois fonemas /ñ/ e /x/, respectivamente. Então, se o *h* se agrupa ao *t* formando *th*, para nós falantes da língua portuguesa, seria fácil e comum se articulássemos qualquer palavra com essa grafia com apenas o som do *t* do português, como em ‘tela’. Podemos exemplificar com uma amostra do fato acima descrito:

Palavra do inglês	Transcrição fonológica correta	Transcrição observada na fala dos sujeitos
<i>though</i>	/ΔoY/	/toY/

Porém, talvez, o ponto mais preocupante seja a produção de sons surdos como /t/ e /θ/ no lugar do *th* sonoro.

Palavra do inglês	Transcrição fonológica correta	Transcrição observada na fala dos sujeitos
<i>leather</i>	/'leðər/	/'letər/
<i>with</i>	/wIð/	/wIf/
<i>smooth</i>	/smu:ð/	/smu:θ/

O oposto também ocorre, a substituição do *th* surdo por um fonema sonoro. É o caso da palavra inglesa *author* /'ɑ:θər/ que foi produzida como /'ɑ:dər/; fato este que causou estranheza por não ser o mais esperado. Diferentemente, a palavra inglesa *Edith* /'IdIθ/ foi articulada como /'IdId/, porém, nesse caso, parece-nos ter ocorrido uma contaminação do fonema /d/.

Outro aspecto que pode ser levantado, quanto ao *th* surdo, é que houve uma dificuldade maior na produção do /θ/ na posição final das palavras. Notamos que se este fosse seguido, ainda, por /s/ tornava-se inaudível, ou seja, não apresentava nenhuma produção. Talvez, esse fato se deva à dificuldade em se articular esses dois fonemas consecutivamente. Ficou claro esse aspecto em duas palavras inglesas *moths* /mθs/ e *Roths* /rθs/ que foram produzidas por metade dos sujeitos, como /m/ e /r/, respectivamente.

Dois fonemas sibilantes surdos /tʃ/ e /dʒ/ também substituíram o *th* surdo. No caso do fonema /dʒ/, por ser como /θ/ uma fricativa, talvez, tenha sido produzida assim por erro. O

erro também acontece com o /θ/, ao ser substituído pelo sujeito por /tΣ/, no momento da leitura. Parece-nos que tal produção se deve à confusão da escrita com a fala, pois ao ver que a palavra acusava o **t** na escrita, este foi também produzido separadamente, sem ter a consciência de que as duas letras **th**, em inglês, levam a dois fonemas o /θ/ e o /ð/. Podemos exemplificar da seguinte maneira:

Uso do /g/ no lugar de /θ/: *strength* /streŋg/ ✗ → /streŋθ/ ✓
Uso do /tΣ/ no lugar de /θ/: *Thursday* /'tΣφ:rsdeI/ ✗ → /'θφ:rsdeI/ ✓

Certamente, esses dois aspectos necessitam de um estudo teórico e observacional aprofundados, pois sabemos que a nossa amostra é pequena para chegar à qualquer afirmação segura. Portanto, tais aspectos podem ser melhor trabalhados em outro estudo que possa levar a um detalhamento maior.

Outro fato importante a se considerar é que o **th** sonoro teve como produção principal o /d/, isto é, quase que a totalidade das ocorrências foi realizada com a explosiva sonora, salvo a exceção de um único sujeito (A) que na listagem de palavras descontextualizadas articulou o /ð/ perfeitamente na maioria das vezes. Entretanto, o mesmo não aconteceu com os demais sujeitos e nem com (A) com relação às palavras contextualizadas. O sujeito (A) é o sujeito que tem como língua materna o espanhol e sabemos que esse idioma possui fonema interdental, portanto parece-nos que essa é a razão pela qual esse foi o único sujeito com maior número de acertos na produção do /ð/.

Notamos ainda que, embora os sujeitos sejam de vários estados do Brasil (Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo), a quantidade de erros e acertos equivaleu-se, exceto, como havíamos mencionado na produção do sujeito nascido na Espanha.

Dos quatro sujeitos que já tiveram – ou têm – contato com a língua inglesa em curso de especialização, pensávamos que esses fossem ter uma articulação bem mais próxima da fala do nativo, porém verificamos a produção dos fonemas /θ/ e /ð/ com maior número de acertos em apenas dois desses sujeitos. Talvez, esses dois sujeitos estejam expostos à língua inglesa por mais tempo e isso, sim, os tenha levado a uma pronúncia mais próxima da nativa, mais natural.

IV. Conclusão

Os resultados desse experimento variaram um pouco dos já realizados, entretanto, a análise da leitura oral parece-nos ser extremamente útil para adquirirmos informações sobre qual é o meio em que a o processo de aquisição-aprendizagem fonológica de uma língua estrangeira se desenvolve. São os experimentos já realizados por vários pesquisadores que podem ajudar os professores de uma determinada língua estrangeira, como o inglês para nós, a ajudar os alunos a obterem uma pronúncia mais próxima do que chamamos de inglês padrão.

Assim, nosso experimento serviu para que pudéssemos mais uma vez observar que a transferência fonológica para a língua alvo é um fato real e que os nossos sujeitos se apoiaram na base articulatória por eles conhecida ao realizarem a leitura oral. Essa comparação entre as línguas é um fato que não se pode desprezar, pois faz parte do processo de aquisição-aprendizagem de uma língua estrangeira.

V. Referências Bibliográficas

BOHN, H. I. & VANDRESEN, P. (org). **Tópicos de Lingüística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, p.52.

GIMSON, A . **An Introduction to the Pronunciation of English**. S/L: Edward Arnold, 1962.

KENWORTHY, J. **Teaching English Pronunciation**. New York: Longman, 1987, p. 75.

MARCHERPE, M. **Análise Comparativa dos Sistemas Fonológicos do Inglês e do Português**. Tese de Doutorado. Assis, SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1970.

O’CONNOR, J. **Better English Pronunciation**. Cambridge: CUP, 1967.

ROACH, P. **English Phonetics and Phonology**. Cambridge: CUP, 1982, p. 39.

VENNEMANN, T. Language acquisition and phonological theory. In: **Linguistics**, n. 70, 1971.

Magali Rosa de Sant’Anna

Licenciatura Plena e Bacharelado em Letras – Língua e Literatura Inglesas (PUC/SP), Mestre em Letras – Semiótica e Lingüística Geral (FFLCH/USP), Coordenadora do Curso de Letras – Português/Inglês do Centro Universitário Nove de Julho - UNINOVE

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.